

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

POLIANA DOS SANTOS SOARES

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM DE UMBANDISTAS
PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE DE MÃE SOFIA**

Parintins - AM
2023

POLIANA DOS SANTOS SOARES

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM DE UMBANDISTAS
PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE DE MÃE SOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da
Universidade do Estado do Amazonas, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Orientador MsC. Franklin Roosevelt Martins
de Castro

POLIANA DOS SANTOS SOARES

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM DE UMBANDISTAS
PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE DE MÃE SOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas,
da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MsC. Franklin Roosevelt Martins de Castro (CESP/UEA)
Orientador

Profª. Dra. Gleidys Meire da Silva Maia (CESP/UEA)
Membro Interno

Profª Dra. Patrícia Christina dos Reis (CESP/UEA)
Membro Interno

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois Ele me sustentou nas vezes em que achei que seria melhor desistir.

Dedico à minha mãe, Ana, que sempre me apoiou em todos os momentos de minha vida.
À minha madrinha, Neiva, pois em todas as ocasiões em que precisei de ajuda, ela estava lá para me motivar.

À minha avó, Neuza, que já se foi, mas está presente em meu coração e memória.

Ao meu irmão, Ronald, porque sem ele este trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu energia, força de vontade e a oportunidade de concluir este trabalho.

Agradeço aos meus pais, que nunca me deixaram questionar sobre eu conseguir ou não conseguir conquistar tudo o que almejo.

À minha madrinha, que está desde o início me apoiando em tudo que preciso.

Aos meus irmãos que, mesmo pouco presentes em minha formação acadêmica, ajudavam sempre da maneira que podiam.

Ao meu orientador Franklin Roosevelt Martins de Castro que aceitou estar comigo e me ajudar a construir este trabalho.

À todos os professores do curso de Letras e dos demais colegiados do Instituto que contribuíram de forma significativa para que pudesse realizar este trabalho e concluir mais essa etapa.

À Geysel e Mike, pois em todas as ocasiões dizem que sou capaz.

Aos colegas do curso de Letras e dos demais cursos da UEA, juntos nós construímos nossa profissão e compartilhamos saberes.

Agradeço a todas as pessoas que, de maneira ou outra, fizeram parte de minha formação acadêmica.

*A jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo.
(O Rei Leão 3: Hakuna Matata, 2004)*

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é compreender as práticas de linguagem utilizadas por umbandistas parintinenses em uma seara de Parintins. Os principais teóricos são: Dell Hymes (2009), Bortoni-Ricardo (2014), Ortiz (1999), Fabrício (2020), Silveira e Bianchezzi (2019) e Rohde (2009). O estudo apresenta uma metodologia com a perspectiva qualitativa, com pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo, observações, questionários, entrevistas e anotações. As análises foram feitas a partir da Etnografia da Comunicação de Hymes, juntamente a Sociolinguística Interacional. Foi possível constatar que não há problema em cultivar a Umbanda, a sua linguagem e ações são de suma importância, a aquisição de competências é abrangente nesse ambiente. Esta religião precisa ser vista com novos olhares que exilam o racismo religioso e os preconceitos existentes em relação a quem vive esta forma de fé.

Palavras-chave: Práticas de Linguagem. Umbandistas. Sociolinguística Interacional. Etnografia da Comunicação.

ABSTRACT

The general objective of this work is to understand the language practices used by Umbanda practitioners from Parintins in a field in Parintins. The main theorists are: Dell Hymes (2009), Bortoni-Ricardo (2014), Ortiz (1999), Silveira and Bianchezzi (2019) and Rohde (2009). The study presents a methodology with a qualitative perspective, with bibliographic research, field research, observations, questionnaires, interviews and notes. The analyzes were carried out based on the Ethnography of Communication by Hymes, along with Interactional Sociolinguistics. It was possible to verify that there is no problem in worshipping Umbanda, its language and actions are of paramount importance, the acquisition of skills is comprehensive in this environment. This religion needs to be seen with new eyes that exile religious racism and existing prejudices in relation to those who live this form of faith.

Keywords: Language Practices. Umbandists. Interactional Sociolinguistics. Ethnography of Communication.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 UMBANDA: UMA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA	12
1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E A ETNOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO	19
1.2.1 Os impactos da Antropologia Cultural	22
2 METODOLOGIA	24
3 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÕES.....	27
3.1 LÓCUS DA PESQUISA: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE.....	27
3.2 QUEM É MÃE SOFIA.....	30
3.3 QUEM SÃO OS CAMBONOS (AJUDANTES)	32
3.4 COTIDIANO DA SEARA	34
3.5 CENAS DA SEARA ANALISADAS A PARTIR DO TERMO <i>SPEAKING</i> DE DELL HYMES	35
3.6 MNEMÔNICO DE HYMES APLICADO NA PRÁTICA DE LINGUAGENS: ENTREVISTA COM MÃE SOFIA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

As religiões afro-brasileiras são, antes de tudo, sincréticas, manifestaram-se como um produto que surgiu de diferentes religiões fundidas num Brasil do século XIX, onde o catolicismo era base da religiosidade. Por serem diferentes do que era comum ser visto naquela época (e ainda nesta) sofrem muitos preconceitos e discriminações nos dias atuais.

Tais concepções surgem de visões pré-determinadas, do pouco conhecimento que possuem sobre este assunto, ou ainda pelo pouco discernimento entre os meios sociais, além disso, as suas práticas de linguagem e seus comportamentos não são compreendidos pelas massas. O estudo de Dell Hymes sobre competências comunicativas mostra como é possível analisar os comportamentos que este grupo social assumiu durante as décadas que se passaram; com isto, se torna plausível a afirmação de que não há “nada de mal” em praticar a Umbanda¹.

Esses mesmos poucos conhecimentos levam muitas pessoas a terem atitudes discriminatórias sobre quem vive essas religiões, desrespeitando assim seus lugares, suas tradições, seus costumes, suas doutrinas e suas linguagens, pois têm uma perspectiva distorcida, seja pela falta de interesse que possuem pela temática, ou só pelo simples prazer de não aceitarem algo adverso do que estão habituados a ver e conviver.

Os pontos de vista negativos sobre as religiões afro-brasileiras são direcionados principalmente à Umbanda. Os discursos de ódio que são jogados contra ela são de extrema preocupação; vão do nível mais fraco como alguns insultos até o nível mais forte como agressões e mortes, colocando assim em risco a vida daqueles que escolheram se tornar umbandistas.

Essa falta de informações que existe sobre esse assunto é um problema de dimensão gigantesca, leva as pessoas a acreditarem em tudo que é imposto a elas. Dependendo da índole do sujeito que transmite as noções, os resultados são bons ou ruins, porém, como é visível hoje em dia, os resultados são na maioria das vezes negativos.

Há uma necessidade urgente de repassar conhecimentos concretos sobre este tema, para que com isso possam tirar as suas próprias conclusões, não por influência, mas sim por sua consciência e responsabilidade. A importância de cultivar conhecimentos que rompem as margens do que é dito como “normal” ainda é essencial, só assim se tem uma visão ampla e não limitada. A Umbanda é tão importante quanto às demais doutrinas existentes, com suas

¹ Religião de Matriz Africana

regras e costumes, seus praticantes e ouvintes, as gírias que circulam entre os membros, seus cânticos, tudo em si faz parte de um ciclo que foi construído com muito esforço.

Sobre a origem da Umbanda, ela é vista como uma proposta religiosa que surgiu por causa de africanos cansados com o sincretismo coberto de opressões, e isso foi uma rota escapatória para àqueles que buscavam sua liberdade de expressão num cenário complexamente marcado por angústias. Ortiz (1999) tende a argumentar que a religião foi algo que aconteceu devido às necessidades da urbanização e conseqüentemente a criação descontrolada dos subúrbios, que carecia de novos métodos monetários.

É notável que seja de suma importância essa observação mais apurada sobre esta religião, por este motivo criou-se afinidade e interesse por esse assunto que partiu de motivações pessoais, a vontade de repassar informações e conhecimentos que não são habituais, explica de maneira satisfatória os motivos para dar início a este estudo sobre algo que é antigo, mas ainda é visto como novo na sociedade. Também é um ponto somatório no campo universitário, pois abrirá portas para pessoas que buscam realçar a compreensão do conteúdo afro-brasileiro que é indispensável.

É necessário romper margens que apenas servem para limitar a visão daqueles que não têm noção sobre o que se trata a Umbanda, mostrando sua linguagem, interações, manifestações, práticas e demonstrar os pontos positivos que esta religião traz para aqueles que procuram ajuda física, espiritual, financeira e familiar.

No primeiro capítulo discutimos sobre o referencial teórico, apresentando os estudos que se debruçaram a respeito das religiões de matriz africana, como também fizemos uma breve descrição a respeito da Sociolinguística Interacional, e da proposta de Dell Hymes, apoiados nos estudos de Dell Hymes (2009), Bortoni-Ricardo (2014), Ortiz (1999), Silveira e Bianchezzi (2019) e Rohde (2009).

No segundo capítulo, descrevemos a metodologia utilizada, que foi uma abordagem qualitativa a partir de entrevistas, questionários, pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo, anotações e observações.

No último capítulo fazemos uma interpretação e análise dos dados, dividida em dois momentos: o momento em que fazemos uma Etnografia do cotidiano, o segundo momento analisamos os questionários respondidos pelos participantes, a entrevista feita com Mãe Sofia e analisamos também cenas observadas na Seara.

O trabalho teve como Objetivo Geral

- Investigar as práticas de linguagem em uma Seara de Parintins a partir da perspectiva da Etnografia da Comunicação de Dell Hymes.

Para tanto, elencou-se como Objetivos Específicos

- Compreender a Etnografia da Comunicação de Dell Hymes.
- Descrever as práticas de linguagem utilizadas por umbandistas de uma Seara de Parintins;
- Interpretar as práticas de linguagem a partir da Etnografia da Comunicação de Dell Hymes.
- Analisar as interações entre pessoas que frequentam uma Seara de Parintins.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 UMBANDA: UMA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA

Este trabalho tem como referencial teórico estudos em que as temáticas norteiam a pesquisa tanto bibliográfica quanto oral que está sendo desenvolvida: o primeiro foi escrito por Bianchezzi e Gomes (2016) que buscou salientar as dificuldades e consecutivamente as superações que estão presentes na pesquisa de campo direcionada às memórias das diversidades religiosas, sejam elas em igrejas ou movimentos religiosos situados no município de Parintins.

Os aspectos exibidos são coletados de relatos de fontes orais que foram de suma importância para a construção de argumentos plausíveis. A esses relatos houve a capacidade de adicionar um pouco mais sobre as múltiplas outras formas de crenças que coexistem no mesmo espaço. Visa principalmente à necessidade de conhecer mais sobre religiões que muitas vezes não possuem resenhas físicas, mas sim os elementos que “permanecem guardados apenas na memória de seus fiéis e/ou fundadores” (BIANCHEZZI; GOMES, 2016, p. 1).

O segundo estudo publicado em 2018, foi feito por Roberlan Melo da Silva, cujo objetivo é mostrar que há a possibilidade de estabelecer o ensino-aprendizagem relacionado à história, cultura africana e indígena, que resultam em um tipo de ensino de ciências. O ponto de partida foram as vivências de crianças e adultos em um terreiro de Umbanda. Mostra os conhecimentos e experiências que ambos compartilham sobre o que é ensinado nesse terreiro, dos valores adquiridos e lembranças únicas que podem ter, aborda o uso de diversas plantas medicinais para curar doenças, isso faz com que os laços sejam fortalecidos no plano físico e espiritual.

Desse modo, pode ser constatado que os relatos dos sujeitos evidenciam a influência da Umbanda na Formação de identidade das crianças, assim como o modo de educação que ocorre dentro do terreiro, sendo que a identidade é um processo dinâmico influenciado por meio de vários aspectos humanos (SILVA, 2018, p. 6).

Com o assunto sobre diversidade religiosa em pauta, contando sobre os benefícios, dificuldades, saberes, comportamentos e relações, tem-se outro trabalho relacionado a essas temáticas, intitulado de “Vozes e identidades plurais: uma análise da diversificação do campo religioso em Parintins (AM) a partir de relatos orais” de Silveira e Bianchezzi (2019), que desenvolve a ideia de que os pensamentos construídos no passado são limitados e causam um impacto desmoralizador nas demais práticas religiosas que ocupam o mesmo espaço que as

igrejas católicas e evangélicas, elas por muitas vezes privam a construção de memórias e histórias que acabam ficando somente em relatos orais.

As novas identidades religiosas que são oprimidas de se manifestar é um dos pontos mais elucidados. Ainda é muito difícil mostrar que existem mais religiões significativas, boas e únicas que trazem novos olhares, pois para isso é preciso desconstruir toda aquela noção ditada por dogmas que duram por muito tempo.

Na Amazônia, onde se circunscreve nossa pesquisa, esse quadro é ainda mais drástico, pois o peso histórico da Igreja Católica e seus agentes oficiais na formação social, cultural e política da região dificultam a percepção de que também ali existe mobilidade religiosa (SILVEIRA; BIANCHEZZI, 2019, p. 57).

O trabalho dos autores exhibe que o Amazonas ainda está bastante atrasado em questão da diversidade religiosa. O catolicismo prevalece na maioria das vezes. A instalação de Universidades foi tardia e por isso sempre tiveram a Capital com seus benefícios como o ponto mais importante, e os estudos sobre as religiões foram ficando cada vez mais distantes e demorados.

A pesquisa em si foi muito bem elaborada, mesmo que mostre a religião católica como fonte principal de doutrina do interior do Amazonas, ainda tenta expor as demais religiões pouco conhecidas, a coleta de relatos orais foi de suma importância para a compreensão de como essas “sub religiões” se mantêm firmes mesmo com o pouco apoio por parte dos moradores locais e da sociedade que insiste em menosprezar essa forma de liberdade.

O conjunto desse material subsidiará a construção de um atlas da diversidade religiosa capaz de incorporar diferentes vozes e identidades, uma vez que aos dados numéricos e aos mapas estariam acopladas também as narrativas dos protagonistas desse processo de diversificação do campo religioso (SILVEIRA; BIANCHEZZI, 2019, p. 60).

Por haver uma grande limitação no texto, é apenas exibido as experiências obtidas através dos registros e contatos com pastores e mães-de-santo² de Parintins, pois é também o lugar onde existe um avanço maior nas pesquisas. Acredita-se que a participação seja maior por parte dos que acreditam na evolução das diversas religiões existentes.

Isso nos permite conferir então colorações mais vibrantes para um conjunto de experiências presentes, mas que se desdobram ricamente no tempo, e nos permitem construir uma abordagem mais ampla a respeito de um dos capítulos da história das religiões e religiosidades no Amazonas (SILVEIRA; BIANCHEZZI, 2019, p. 60).

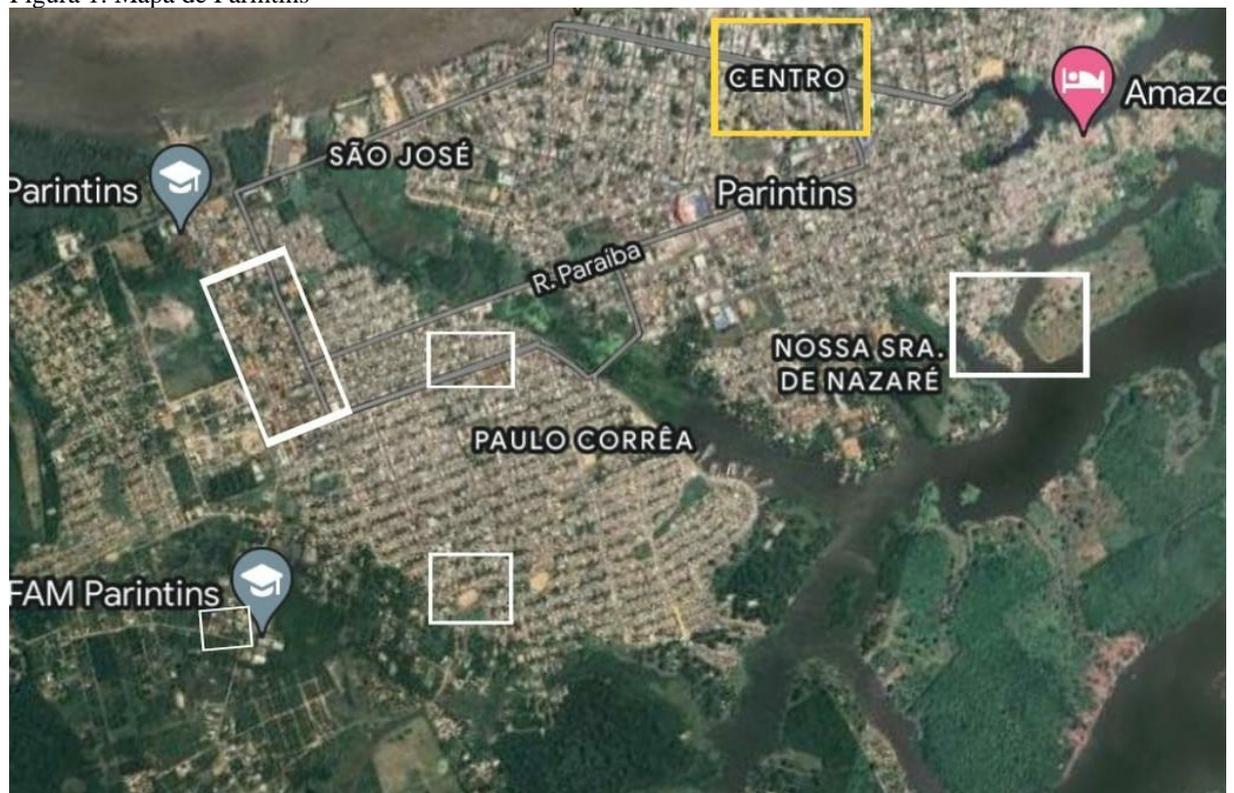
² Líder da Umbanda.

Esse trabalho foi realizado de maneira detalhada, cada ponto foi pensado estrategicamente de maneira a contribuir para o mapeamento do Município. Foram muitas as informações coletadas, já que a lista de perguntas, e até mesmo curiosidades era grande, porém cada situação foi necessária para saber como se dá a interação entre as religiões.

Foi pedido aos líderes de diferentes religiões que falassem sobre suas experiências com o que cultuam, desde sua entrada até a sua atual permanência, o que achavam sobre a diversidade culturalmente religiosa e os desafios que devem superar a cada dia que se passa no local onde residem.

Tais questionamentos ajudaram bastante os pesquisadores, mas o ponto impactante foi perceber que diante dessa grande diversidade, as Searas³ e Terreiros⁴ são minoria, as afro-religiões foram afastadas do espaço urbano e passaram a ocupar um espaço quase invisível na sociedade parintinense, moveram-se para as margens da cidade. Apesar disso, os praticantes seguem firme, acreditando que apesar de todas as rejeições, tudo dará certo, já que o seu trabalho é para o povo e para aqueles que buscam melhorias.

Figura 1: Mapa de Parintins



Fonte: Google Maps

³ As searas são espaços menores que os terreiros, elas ficam em quartos, é dentro das searas os trabalhos são realizados.

⁴ Espaço grande onde cabem muitas pessoas, tem uma demanda maior de ajudantes e clientes. É também é um lugar para onde umbandistas vão cultuar a sua fé e viver de sua cultura.

Na figura acima é perceptível como as Searas e terreiros são exiladas das áreas urbanas localizadas no centro, onde as igrejas católicas e evangélicas predominam. Esse afastamento pode ser devido as circunstâncias urbanas, entretanto, também pode ser devido ao preconceito, de certa maneira, assim “ é preciso estudos que comprovem essa hipótese, mas, no que diz respeito às afroreligiões⁵, parece que foram progressivamente afastadas do núcleo urbano central e empurradas para situações de invisibilidade, sendo realocadas nas margens da cidade (SILVEIRA; BIANCHEZZI, 2019, p. 63).

É notável que essas pesquisas são extremamente necessárias no dia a dia, pois mostram que há muitas outras formas de se praticar a religiosidade, de manifestar a fé. Nenhuma é mais inferior que a outra, apenas existem perspectivas diferentes e algumas carecem de informações, porém, mesmo com pouco material sobre estes assuntos, ainda é possível ter um embasamento teórico de qualidade. “Frente a certa rejeição social, que reflete a força dos estigmas que ainda operam sobre os cultos de matriz africana, impõe-se um novo arranjo, visto como missão, trabalho e serviço a uma comunidade ou povo” (SILVEIRA; BIANCHEZZI, 2019, p. 67).

A origem das religiões Afro-brasileiras sempre foi algo bastante discutido, as muitas batalhas que foram necessárias para que houvesse respeito e empatia no ato de se praticar a Umbanda e suas diferentes percepções sobre a religião é um marco essencial para aqueles que vivem dela e nela. Sempre é importante mencionar que, apesar de tudo ainda existem visões negativas sobre este tema. Assim também como há as visões positivas, a sociedade em que o indivíduo está inserido é, muitas vezes, marcada por preconceitos e opressões em relação àqueles que almejam a inclusão de sua fé umbandista.

A obra de Ortiz (1999) é tanto teórica quanto prática, isso mostra que a leitura e o trabalho de campo são essenciais. Ambos andam lado a lado, ela desenvolveu-se a partir de seminários e atuações em grandes locais como São Paulo e Rio de Janeiro, a escolha dos locais foi pré-determinada, pois, de acordo com o autor “O Rio porque é o lugar histórico do nascimento da religião umbandista; São Paulo por ser a região onde o movimento religioso se desenvolve hoje mais intensamente” (ORTIZ, 1999, p. 10) e por isso critica a Umbanda por apreciar espaços já modernizados para o aumento da movimentação de dinheiro e o movimento burocrático.

A palavra “aculturação”⁶ é citada diversas vezes na pesquisa, porque o estudioso mostra que a religião umbandista tem sua força nessa mudança cultural, não necessariamente é preciso um contato físico e direto para que haja um impulso que leva os indivíduos a cultuar e propagar

⁵ Religiões de origem africanas.

⁶ Reinterpretação, adaptação, fusão

a doutrina, dando autonomia para esta cultura. Muitas teorias surgem a respeito da aculturação, mas a que prevalece é a de que este fenômeno deve ser analisado a partir do momento em que ela faz parte da sociedade global e não apenas de um determinado local, não seria desde a origem até a atualidade, pois há mais informações nos meios de comunicações atualmente.

As críticas culturalistas segundo Ortiz (1999) trouxeram algumas contribuições, falam da mudança cultural de um processo constante, onde a assimilação⁷, aculturação, sincretismo⁸ e etc, são de certa maneira resultados de um fenômeno cultural, mas também é citado no livro que essas mudanças dependem de cada situação. A realidade é que deve ser estudado um todo e não só as partes “O fenômeno da aculturação deve, portanto, ser analisado como parte integral da sociedade global, e não como propunha Arthur Ramos, a partir de um “ponto zero” da comunidade de origem em direção à comunidade atual” (ORTIZ, 1999, p. 14).

De acordo com Renato Ortiz (1999) este fenômeno cultural está no seio da sociedade brasileira, mas é visto como uma problematização, pois é como se fosse uma mudança cultural que provém de um conjunto de fenômenos que resultam em mudanças nos tipos culturais, esse fenômeno é chamado de aculturação. A Umbanda é considerada um conjunto mais amplo, que seria o da sociedade global, os valores afro-brasileiros são levados em consideração e sua integração é incluída na sociedade moderna urbanizada, faz uma crítica sobre “o nascimento da religião umbandista que coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes” (ORTIZ, 1999, p. 15) e não da luta de liberdade de negros e índios.

A noção de legitimação é um ponto fundamental para o desenrolar da ideia de que a Umbanda leva mais em consideração a sociedade que a religião e cultura, onde ela integra valores impostos pela sociedade global, e é somente a partir daí que a negação é diminuída dando espaço para a aceitação. O que antigamente era considerado como heresia, agora passa a ser incluído como uma legitimação de fé.

A crítica está no fato de que há uma noção um tanto quanto errada para serem aceitos aqueles que propagam a religião umbandista. Há uma necessidade de se adaptar aos valores e costumes que lhes são impostos, o que na verdade, não devia ser cogitado, mas a opressão tem maior consistência e poder. A Umbanda também comparada com o Candomblé, mesmo que ambas tenham as mesmas raízes em comum, hoje em dia ainda andam em lados opostos.

De acordo com Ortiz (1999, p. 16):

Com efeito, pode-se opor Umbanda e candomblé como se fossem dois pólos: um representando o Brasil, o outro a África. A Umbanda corresponde à interação das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significa

⁷ Captação e absorção de elementos próprios de determinada cultura.

⁸ Fusão de diferentes doutrinas.

justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro.

O interessante é o fato de haver, nas mesmas raízes, contradições em relação ao território, porém pode-se afirmar que a Umbanda tem mais valor no território brasileiro porque os praticantes têm consciência da sua brasilidade. Ela tem a vontade de ser brasileira, diferente do candomblé que tem a África como terra Mãe. Os umbandistas sabem da sua nacionalidade e se “opõe as religiões de importação” (ORTIZ, 1999, p. 16). Se existem tensões entre duas práticas religiosas que compartilham do mesmo “berço”, com certeza há motivos para a atenção redobrada que a comunidade umbandista precisa ter.

As religiões de importações seriam o Catolicismo, Protestantismo e Kardecismo, e são vistas como uma “síntese brasileira de uma religião endógena” (ORTIZ, 1999, p. 17). Em mais alguns capítulos, o autor mostra como a brasilidade está mais presente na Umbanda que nas demais formas de doutrinas. É por este motivo que deveria ser aceita e não discriminada. Alguns autores podem afirmar que essa religião é considerada como africana, mas o espiritismo da Umbanda é uma religião nacional do Brasil. Tal fator indica que ao invés de desprezar os costumes que propagam, os indivíduos deveriam dar a chance de conhecer melhor todos os pontos positivos que ela tem a oferecer,

Bruno Rohde (2009) em seu estudo “Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista” tece sobre a interpretação da relação das práticas e crenças presentes na Umbanda, mostra a sua construção histórica que é de suma importância para a compreensão desta crença, enfatiza sobre o problema do surgimento da religião afro-brasileira que é, ainda hoje, uma temática com vertentes pouco aceitas, faz crítica ao pensamento de Ortiz (1999) que visa a aculturação, o social sobressai a cultura, algo que surgiu apenas pelo fato da sociedade buscar uma diferença nos aspectos culturais e financeiros já existentes, delimita este fenômeno somente a um momento histórico e não leva em consideração as múltiplas características positivas que ela traz consigo.

A preocupação existente sobre a maneira que essa religião é vista como mito ou um produto de um movimento histórico é acentuada diversas vezes nesse trabalho de Rohde (2009), ele tenta expor que esses pensamentos não são somatórios com todo o processo de uma enorme construção no meio “complexo de um universo religioso que se insere no ainda mais amplo universo cultural afro-brasileiro” (ROHDE, 2009, p. 86).

Ainda tentando mostrar que a Umbanda não é apenas uma formação que provém de necessidades financeiras e que apenas “nasceu” por esse motivo, o autor exhibe a visão limitada

de diversos outros autores. Há os que acreditam que o “surgimento” tenha acontecido na metade do século XIX, pois é nesse período que acontecem mudanças significativas como o início da aceitação de negros na sociedade que se deu com a abolição da escravatura. Com isso, tendo a população mais pobre concentrada no Rio de Janeiro, inicia-se “um contato entre os elementos rituais dos cultos sincréticos reunidos sobre o termo macumba com o espiritismo kardecista, que havia chegado ao Brasil na segunda metade do século XIX e já gozava de certa expansão” (ROHDE, 2009, p. 79).

Com certa expansão em relação à união das duas religiões, acredita-se que a Umbanda foi “criada”, e ainda pelo fato de ter sido nesse tempo em que as transformações dominavam o meio social em relação a minoria, tem-se o “mito da fundação” dessa religião “ou então de anunciação da umbanda (entre os adeptos), datado de 15 de novembro de 1908” (ROHDE, 2009, p. 3). Rohde critica o fato de existirem muitas revistas, artigos e livros que propaguem tal visão limitada, tendo vista que poucos são o que usam os termos que realmente valorizam os que vivem desta religião.

No texto de Rohde (2009) é possível ver duas datas de suma importância para a compreensão dessa tal delimitação sobre a religião umbandista, duas datas voltadas para o “mito” do nascimento, os dias 15 e 16 de novembro de 1908, um jovem chamado Zélio teria “incorporado” um caboclo⁹ chamado Sete Encruzilhadas¹⁰ em meia a uma reunião (esse mesmo espírito já havia ajudado o menino antes) e que saiu a favor da não discriminação de espíritos negros e indígenas escravos, que estavam sendo julgados como atrasados e desaculturados¹¹ apenas por sua cor.

O chamado Caboclo das Sete Encruzilhadas tendo em vista a não aceitação dos demais participantes da reunião, decidiu que iria começar um novo culto onde os que foram discriminados e julgados podiam ter voz e trabalhar com o bem, ajudar o próximo era a sua obrigação, a caridade seria seu ponto principal e “que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns¹² deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria umbanda” (GIUMBELLI, 2002 apud ROHDE, 2009, p. 81).

⁹ Guerreiros indígenas que fazem parte dos trabalhos realizados na Umbanda, são entidades que ajudam e guiam os afazeres destinados aos clientes.

¹⁰ Entidade conhecida como o fundador da Umbanda.

¹¹ Considerados sem cultura.

¹² São cambonos que também podem incorporar entidades em seus corpos, com o estudo necessário, alguns acabam até se tornando pais e mães de santo, que também é um nome usado para se referir a líderes de searas e terreiros.

Logo, tem-se a negação e rejeição no dia 15 e um novo ciclo no dia 16, é claro que não devem levar esses pontos de vista como uma verdade única e imutável, existem muitas incertezas que norteiam a Umbanda, porém é interessante notar como essa foi a base, na grande maioria das opiniões, dessa religião ser vista como um mito.

Célia Arribas (2013) fala sobre a Umbanda como uma “religião tipicamente brasileira que adquiriu em nossa história republicana um significado importante para a compreensão da nossa cultura plural” (ARRIBAS, 2013, p. 1), esta forma de fé diz muito sobre o Brasil e os brasileiros, ela é importante não só porque se popularizou rapidamente adquirindo assim muito *status*, mas porque se transformou em uma forma bastante brasileira.

Um contexto mais amplo como o espiritualismo seria o “nascimento” dessas religiões, um fenômeno moderno, como sempre voltado para o espaço urbano como local primário destas doutrinas. A autora tenta mostrar sobre a prática do tratamento de doenças, sejam elas físicas ou espirituais, desde gripes a cansaço, por meio de ervas medicinais utilizadas na Umbanda, que fizeram grandes diferenças no Brasil, os valores éticos e morais não são só os pontos principais a serem lembrados. As outras marcas que provém dessa religião são valiosas e positivas num todo, e não apenas por fragmentos.

1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E A ETNOGRAFIA DA COMUNICAÇÃO

Dell Hathaway Hymes foi um Sociolinguista, Linguista, Antropólogo e Folclorista, que nasceu no dia 7 de julho de 1927 na cidade Portland, no estado de Óregon. Hymes fez parte do corpo docente da Universidade de Harvard, Universidade da Califórnia-Berkeley e Universidade da Pensilvânia, também atuou como reitor da Escola de Pós-Graduação em Educação. Em 1987, ele e sua esposa Virginia mudaram-se para a Universidade da Virgínia, onde foi professor de Antropologia e Inglês até sua aposentadoria em 1998. Em seus trabalhos focou nos estudos etnográficos e comparativos como forma de compreender o uso da linguagem. Hymes faleceu em 13 de novembro de 2009, na cidade de Charlottesville na Virginia (RAMSEY, 2022).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), é graças a Dell Hathaway Hymes (1927-2009) que foi incorporada a proposta programática conhecida como Etnografia da Comunicação, na vertente qualitativa da Sociolinguística. Nessa pesquisa sobre comunicação existem ramos de Linguística, Antropologia e Folclore, tais fatores foram de suma importância para a composição dessa vertente. “O termo “etnografia da comunicação” pretende assinalar o necessário campo

de ação, e encorajar a produção de estudos etnográficos em sua base e comunicativos no sentido do alcance e da natureza da complexidade padronizada com que lidam” (HYMES, 2020, p. 39).

Há três orientações da Sociolinguística: a primeira de que ela é social e linguística, pois conforme a sociedade vai se constituindo, os traços linguísticos vão sendo “criados”, de toda maneira, as características de determinado grupo são vistas na prática. A segunda na qual a Linguística é socialmente realista, porque é no dia a dia e na convivência que se pode determinar como tal grupo de pessoas se comporta. Por fim a terceira onde ela é socialmente constituída, e é aí que está a Etnografia da comunicação. É importante ressaltar a terceira orientação, que nada mais é que a função social e os traços linguísticos vistos na vida real.

Bortoni-Ricardo (2014) em sua pesquisa mostrou que para Hymes, a humanidade é compreendida a partir da forma como ela evolui e mantém a sua diversidade etnográfica, (o termo “etnografia” significa registro escrito). A observação será o ponto principal, os pesquisadores passam bastante tempo estudando sobre a comunicação do grupo social que escolheram, é por meio de perguntas e obtenção de informações que é possível desvendar as características de determinada cultura.

A competência comunicativa postulada por Dell Hymes permite ao indivíduo se comunicar de maneira aceitável com qualquer interlocutor, seja de maneira ampla ou limitada. É possível dizer que ela é sempre ampla, uma vez que a obtenção de competências é aumentada durante da vida de qualquer pessoa, pois a educação linguística está presente nas escolas (BORTONI-RICARDO, 2014).

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2014), Dell Hymes criou o termo “*speaking*” onde cada letra se refere a um conceito importante da Etnografia da Comunicação, onde “S” é de *setting or scene*: ambiente; “P” de *participants*: participantes; “E” de *ends*: fins ou propósitos; “A” de *act sequence*: forma e conteúdo da mensagem; “K” de *key*: tom ou modo de pronunciar; “I” de *Instrumentalities*: instrumentos de transmissão; “N” como *norms*: normas de interação e interpretação e “G” de *genres*: gêneros textuais, orais ou escritos.

A primeira letra “S” de ambiente e cena, onde todo ato de fala é voltado para o espaço, para o tempo e ainda em lugares e momentos específicos. Os participantes são os componentes mais importantes, uma vez que é uma interação voltada para a comunicação humana.

Existem diversas categorias de participantes, o principal é o falante como primeiro destinatário, são considerados também como primeiros destinatários os indivíduos que estão ao redor. Em relação ao interlocutor, pode haver só um ou vários outros, dependendo do momento e situação.

Os pontos mais relevantes nessas interações são “os papéis sociais que os interagentes estão desempenhando na interação. Eles podem situar-se em uma relação simétrica (dois amigos, dois colegas), ou assimétrica (patrão e empregado) etc.” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 91). Eles também podem pertencer à mesma rede social.

A letra “e” se refere a fins, esses fins de interação dependem de quando a interação é direcionada para uma finalidade. O “a” sempre direcionado para a forma e conteúdo da mensagem, o “k” é usado para definir o tom, maneira ou espírito que o falante dirige sua fala, enquanto isso, a letra “i” de indica a forma como a mensagem é transmitida durante a interação, se é verbal ou não verbal.

Em relação a letra “n”, é exibido o mnemônico para normas, as normas de qualquer interação linguística e humana estão direcionadas com a noção de aceitabilidade. Por fim o “g” de gêneros, que são peças de linguagem, consolidadas nos poemas, jornais, aulas, saudações, cânticos, e etc.

A Sociolinguística Interacional teorizada por Gumperz (1922-2013) trata-se das interações que emergem na sociedade, seja num grupo social amplo ou fechado, ela é a vertente mais tardia da Sociolinguística Variacionista. A interação face a face é o ponto principal e por esse motivo a fala é socialmente organizada. O termo *footing* foi criado por Goffman, “[...] ele o define como uma mudança no enquadre de eventos” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 146).

Esse ramo da Sociolinguística rejeita a separação entre língua e contexto social e, em suma, tem seu foco no uso gramatical, lexical e sociolinguístico. A teoria da Sociolinguística Interacional tenta dar conta nas normas que antecedem o processo interacional e que obedece a coerência interna. Os princípios de Cooperação foram criados por Paul Grice.

A primeira dessas máximas, denominada máxima de quantidade, prevê que toda contribuição verbal seja tão informativa quanto for exigido para os propósitos interativos, nem mais nem menos. A segunda, de qualidade, prescreve que só seja dito o que o falante acreditar que seja verdadeiro; a terceira, de relação, recomenda que o falante seja relevante; e a última, que ele seja claro, evitando obscuridade, ambiguidades e prolixidade (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 148).

Bortoni-Ricardo mostra como Gumperz (1922-2013) fala sobre as interferências criadas a partir do que é dito, e elas podem ter caráter geral, global ou local. E todos esses conceitos são de suma importância para a Sociolinguística Interacional, pois são fatores que apenas somaram para que fosse legitimado esse tema que apesar de tardio, é um dos mais importantes que existe dentro dos estudos de Etnografia.

Logo, todos esses conceitos fazem parte do estudo que é essencial para a linguística, às interações e comunicações fazem parte do dia a dia de todo indivíduo, por isso, saber compreender esses fatores é o que faz a Etnografia da Comunicação e a Sociolinguística Interacional.

1.2.1 Os impactos da Antropologia Cultural

Na obra “Manual de Sociolinguística” de Bortoni-Ricardo (2014) é dito que há um ramo da Antropologia Cultural que se relaciona aos estudos Sociolinguísticos, sempre em conciliação com teorias da Psicologia Social, é o estudo das redes sociais na Sociolinguística com base na teoria da acomodação. As redes sociais são vínculos estabelecidos entre um grupo de pessoas, e esses vínculos dizem muito sobre as características.

A Sociolinguística Interacional tem sua origem na busca por métodos replicáveis de análise sociolinguística qualitativa que possam promover insights sobre a diversidade linguística e cultural e características dos ambientes comunicativos atuais e documentar seu impacto nas vidas dos indivíduos. A essa altura, é evidente que diversidade não pode mais ser tratada como uma questão primordialmente de distinções gramaticais e semânticas entre sistemas linguísticos-culturais homogêneos e localmente limitados – tratamento esse que historicamente nos divide na categoria ‘Outros’ (GUMPERZ, 2020, p. 79).

São reconhecidas duas tradições nesse estudo de rede social, a técnica de nomeação e a Antropologia Cultural, no início os estudos Antropológicos abordaram comunidades pequenas, é importante ressaltar os termos de densidade das redes de tessitura, pois existem as miúdas e as largas, uma centrada na área rural e outra na urbana.

O reforço normativo ajudou o florescimento dessa densidade. A tessitura miúda está pelo fato da interação entre indivíduos que se conhecem ser maior e a pressão normativa aumenta, enquanto na tessitura larga as interações são poucas, isso diminui essa pressão. A tessitura de larga escala é chamada de *status*, enquanto as de tessitura miúda possuem uma resistência à mudança de cultura e falares.

Como ficou ilustrado pela letra da música que abre este capítulo, do compositor Mateus Karioka, em comunidades de tessitura miúda, onde praticamente todas as pessoas interagem entre si, a pressão normativa é maior. Em comunidades de redes mais esparsas, de tessitura larga, a pressão normativa é menor [...] (BORTORTNI-RICARDO, 2014, p. 130).

No estudo de Bortoni-Ricardo (2014), é necessário mencionar as redes isoladas e as integradas, a primeira voltada para familiares e vizinhos, enquanto a outra é mais esparsa. Os resultados são sempre os mesmos, aqueles que permanecem ao grupo que compartilham da mesma linguagem conseguem preservá-la, já os que não conseguem e preferem manter contato não somente a um grupo isolado, tendem a misturar tanto a linguagem rural, quanto à urbana.

É importante falar sobre o estudo Linguístico *online*, é possível notar que as interações são propensas a aumentar quando as relações são fora desse contato, pois dentro dela as pessoas preferem não interagir muito, ou se interagem, sempre é com aqueles que já têm alguma intimidade.

Como já previsto pela pesquisadora, a pesquisa concluiu que os participantes que se comunicam on-line, majoritariamente jovens com grau de escolaridade mais alto, apresentam menor emergência de traços de urbanidade, se comparados às transcrições das entrevistas off-line, feitas com participantes mais velhos e com menor escolaridade (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 141).

O termo “acomodação” refere-se aos ajustes que o indivíduo faz em sua fala para se assemelhar com seu interlocutor. De acordo com a literatura da área, esse processo seria uma convergência, outrora, é o oposto do processo de divergência, “[...] quando o falante tem interesse em marcar sua identidade como distinta da identidade do interagente, um e outro processo motivado pela aferição que ele faz dos custos e benefícios no seu comportamento linguístico” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 141).

Em vista dos argumentos apresentados, a Umbanda é subjugada, limitada, estereotipada e subestimada, pois é notada por partes, é como se fosse algo que “nasceu” à custa de outras culturas, e com isso não tem seu próprio valor por não ser original, além disso, há o preconceito recorrente que habita naqueles que não buscam saber mais sobre esse tema, ser umbandista não é ter alguma doença ou ter algum tipo de problema mental, cada um é livre para viver do que quiser, cultivar o que quiser.

A Sociolinguística Interacional mostra como a linguagem e a cultura andam lado a lado, é a partir dela que os estudos são feitos quando se trata de um grupo social que contém muitas variações linguísticas. Através dessas pesquisas é possível conviver por um período de tempo com o grupo escolhido, e só assim, com o convívio com essas pessoas é viável afirmar com clareza como as coisas ocorrem. Com base no estudo de campo realizado com foco na heterogeneidade, é plausível a ideia de que não é preciso tem um olhar indiferente com aqueles que escolheram se tornar umbandistas.

2 METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma perspectiva qualitativa para atingir seus objetivos. De acordo com Oliveira (2016, p. 59) “A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas”, assim esse tipo de pesquisa parece bastante adequado para compreender os fenômenos linguísticos que surgem dentro dessas comunidades de prática.

As abordagens qualitativas facilitam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições no processo das mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Ainda é importante ressaltar que a pesquisa qualitativa é considerada um estudo detalhado de um determinado fato, grupo, pessoas, fenômenos da realidade, etc. “Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa” (OLIVEIRA, 2016, p. 60).

Foram feitas pesquisas bibliográficas sobre a Umbanda, que é uma modalidade de estudo e análise de diversos documentos cujo domínio é científico, como por exemplo: livros, dicionários, ensaios críticos, artigos científicos entre outros. Esse tipo de pesquisa é a principal linha de estudos diretos em fontes científicas, sem precisar correr atrás de fatos ou fenômenos de uma realidade empírica, porém, neste estudo ela serve como um apoio para que as informações não provenham somente das pesquisas de campo.

A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador (a) a entrar em contato direto com as obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. O mais importante para quem faz opção por uma pesquisa bibliográfica é ter certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidas do domínio científico. (OLIVEIRA, 2016, p. 69).

A pesquisa de campo buscou informações com o grupo social pesquisado (umbandistas parintinenses) por meio de uma pesquisa etnográfica, que nada mais é que um estudo sobre a cultura de determinado lugar e as pessoas que lá habitam, “Em regra geral a pesquisa etnográfica é mais utilizada por antropólogos, dada a especificidade no que diz respeito a

compreender o homem e seu contexto sociocultural” (OLIVEIRA, 2016, p. 73). A etnografia foi o método de análise e interpretação a partir das observações na Seara de Mãe Sofia.

A coleta de dados ocorreu por meio de observações, entrevistas, diário de campo, questionários sobre quantas pessoas participam da Seara, quando foi fundada, quais são os principais participantes para que tudo tenha se tornado realidade foi muito importante para a pesquisa.

Os comentários sobre o papel do pesquisador preparam o terreno para a discussão das questões envolvidas na coleta de dados. Os passos da coleta de dados incluem estabelecer as fronteiras para o estudo, coletar informações através de observações e entrevistas desestruturadas (ou semi-estruturadas), documentos e materiais visuais, bem como estabelecer o protocolo para registrar as informações (CRESWELL, 2007, p. 189).

As anotações e questionários serviram para saber como se dá a interação entre os umbandistas parintinenses, as práticas de linguagem utilizadas por esses membros foi o objeto principal a ser estudado, assim também como as suas práticas religiosas e relações com outras religiões, sabe-se que nos dias atuais a aceitação da religião afro-brasileira ainda é assunto para muitos debates, a rejeição é grande e o preconceito maior ainda.

As observações, aplicações de questionários, entrevistas e anotações foram realizadas na Seara de Mãe Sofia, localizada no bairro de Palmares, Rua Itacoatiara, foram observadas as interações existentes entre duas cambonas e a dona da Seara, assim também como se comportam nas sessões¹³ no período de janeiro de 2022 a fevereiro de 2023.

Observações, nas quais o pesquisador toma notas de campo sobre comportamento e atividades das pessoas no local da pesquisa. Nessas notas de campo, o pesquisador registra, de uma maneira não-estruturada ou semi-estruturada (usando algumas questões anteriores que o pesquisador deseja conhecer), as atividades no local da pesquisa. O observador qualitativo também pode se envolver em papéis que variam de não-participante até integralmente participante (CRESWELL, 2007, p. 190).

Tais observações são feitas principalmente durante as segundas-feiras, no horário da noite, entre 18h até 22h (o horário às vezes é prolongado até meia noite) que é a duração média dessas sessões, pois a quantidade de clientes é enorme e não há um limite de tempo para as conversações que ocorrem no local. Existem algumas exceções aos sábados, porém, é somente quando o assunto é grave o suficiente e não pode esperar até os dias normais de consulta.

¹³ Nome dado para os dias de trabalhos.

Essas sessões seriam encontros com os espíritos¹⁴, um tipo de conversa em que a pessoa busca respostas para as suas necessidades. Também ocorreu a observação de como se tratam, convivem e lidam com as situações, e quais são os fundamentos que seguem.

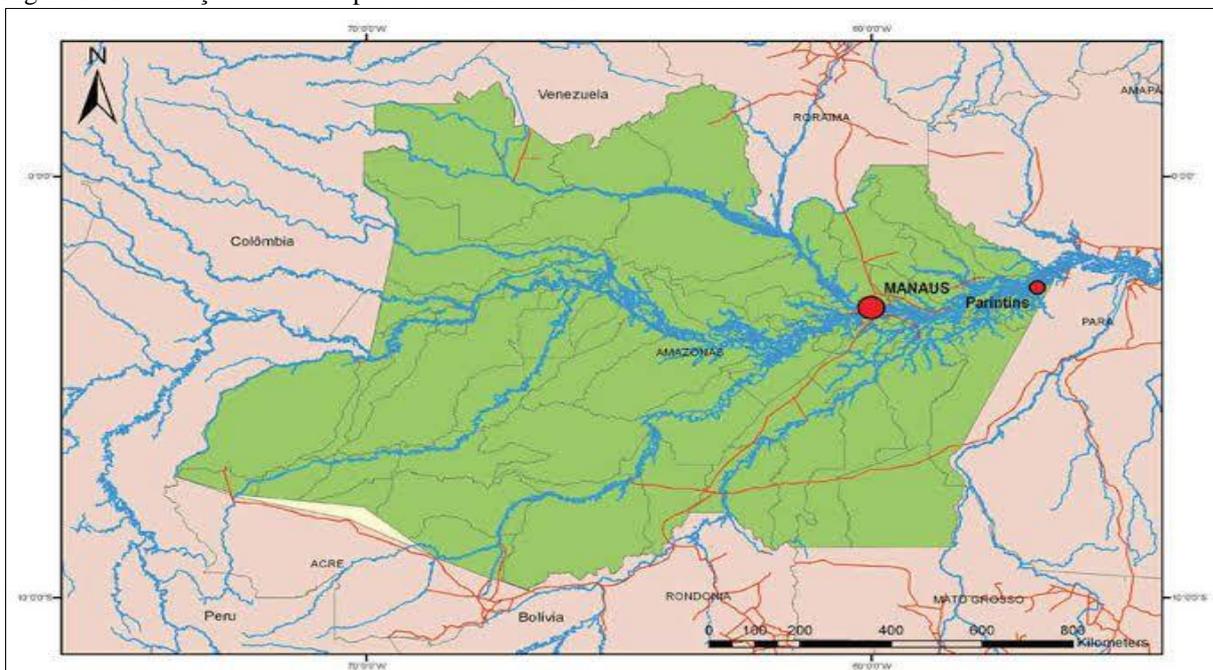
¹⁴ Orixás encontrados na umbanda

3 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÕES

3.1 LÓCUS DA PESQUISA: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE

A pesquisa foi realizada no município de Parintins que, de acordo com o último Censo, possui 115.363 habitantes, e está localizada a leste no Estado do Amazonas, à margem direita do extenso Rio Amazonas. Esta cidade é uma das mais populosas do estado e é conhecida como a cidade do Boi Bumbá Garantido e Caprichoso, onde é realizado todo ano o Festival Folclórico de Parintins que em geral é uma disputa entre os dois bois. É um local muito conhecido e por isso diversos turistas viajam para ver o espetáculo, isso acaba gerando renda para os indivíduos que moram no município.

Figura 2: Localização do Município de Parintins no Estado do Amazonas



Fonte: ResearchGate. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-de-Parintins-no-estado-do-Amazonas-Elaboracao-cartografica_fig1_336645970

Na pesquisa de Bianchezzi e Gomes (2016) foi constatado que existem pelo menos seis locais que cultuam a religião afro-brasileira, são espaços ativos e que na maioria das vezes, ajudam na propagação de suas histórias de vida e do valor à Umbanda. Isso porque é dever dos líderes umbandistas fazer com que as pessoas conheçam o lado bom e eficaz de seus trabalhos, porém, é certo que sempre há exceções.

Nas unidades religiosas de matriz afro-brasileira, alguns foram bastante receptivos, observamos o interesse em realizar a entrevista motivados pelo interesse em registrar a trajetória do terreiro, mesa ou Seara, com grande satisfação. Uma até nos recebeu bem, conversou contou toda sua história, porém não permitiu que gravasse – nem com gravador, nem com a filmadora. Houve, porém uma situação que não ousamos entrar devido uma placa afixada, bem visível, na entrada do local de atendimento “se não tiver como pagar não perca seu tempo e nem o meu” (BIANCHEZZI; GOMES, 2016, p. 8).

No Bairro de Palmares, existem bem mais lideranças religiosas católicas e evangélicas que as afro-brasileiras, isso porque muitos dos terreiros e Searas acabaram tendo que se afastar dos espaços urbanos. De acordo com o site Applocal, existem nesse bairro aproximadamente 54 estabelecimentos comerciais, que são distribuídos entre diversos segmentos da cadeia do comércio, serviço, indústrias dentre outros.

Há nove Supermercados, quatro Hipermercados, três Casas de Material de Construção, duas Escolas Públicas, duas Igrejas e mais alguns Templos e Instituições Religiosas. Esse bairro apesar de periférico é extremamente bom para os moradores, todas as ruas são asfaltadas e existe nele o necessário para viver.

Os sujeitos da pesquisa são a Mãe Sofia (Líder Da Seara) e mais cinco cambonos¹⁵: filha Jordana, Márcia, B., Ana e Mateus. Na pesquisa alguns aparecem mais que outros, porém, todos são peças principais para o êxito do trabalho, além disso, uns são mais ativos enquanto outros nem tanto. Esses filhos são todos ajudantes, contribuem de alguma maneira para o bom funcionamento do local.

Figura 3: Rua Itacoatiara, bairro Palmares onde está localizada a Seara do Caboclo Pena Verde, de Mãe Sofia



Fonte: Poliana dos Santos Soares, 2023

¹⁵ Nome dado para os ajudantes da Seara. São eles que recebem os clientes e os mantêm informados sobre sua vez de entrar na Seara.

A Seara está localizada próximo ao Lago Macurany, é a última casa da rua à esquerda, mesmo que seja um local pequeno, é adequado para os clientes, eles esperam confortáveis em um sofá até que sua vez de serem atendidos chegue.

Há cerca de cinco cambonos fixos, a primeira a ser entrevistada foi chamada filha de Dona Brava, Márcia, pois ela atualmente é a mais ativa no espaço, e a segunda é a filha de Joãozinho e Mariazinha. Jordana, é aquela que está ao lado de mãe Sofia desde o início, as duas são médiuns preparadas para o trabalho de auxílio dos Guias durante cada sessão ocorrida, diferente dos demais cambonos, elas já fazem esse trabalho há muito tempo e por isso são aptas e fundamentais para a realização positiva das demandas que chegam dia a dia nesse local.

Diante disso, foi possível obter uma análise satisfatória sobre como se desenvolvem as relações entre aqueles que convivem na Seara, os que visitam e os que vivem dela, é de suma importância saber que ser umbandista também é algo que requer coragem, muito amor e responsabilidade, atualmente em que deveria haver mais compreensão, seguir e praticar algo diferente do normal é uma tarefa que requer muito esforço.

A Seara é bem simples, nela há muitas imagens de caboclos, mas nem sempre foi assim. O lugar começou com pouquíssimas imagens e o nome da Mãe Sofia demorou para ser reconhecido, isso porque apesar da religião ser pouco aceita, ainda havia o fato de que acontece, mesmo que não seja explícito, algum tipo de preconceito, como intolerâncias e racismos religiosos. Mas isso não foi suficiente para que a Seara fosse desfeita e a dona ficasse abalada, para a felicidade de seus poucos clientes.

O ambiente está focado entre a sala de espera e um quarto em que são feitas as sessões. Os clientes conversam com os cambonos e isso torna agradável a presença de tantas pessoas que não se conhecem, que estão à espera de sua vez.

O espaço onde os clientes esperam mede 4.05x4.80, antes de cada sessão eles arrumam o lugar, separam as cervejas que os clientes trazem para satisfazer os gostos de cada entidade que os atende. Alguns panos coloridos são separados e eles os chamam de “espadas”¹⁶, cada tem a sua, assim como cada uma tem seus cânticos. Ao passar pela porta os ajudantes que não participam dentro da Seara os recepcionam mostrando seus lugares. Perguntam se querem algo para beber, ou algo para assistir. As pessoas chegam e se sentam em um sofá perto da porta à esquerda, e em outro à direita.

A Seara mede 2.15x2.75, o altar com diversas imagens fica de frente para a porta, no entanto, também há outros pequenos altares na esquerda e na direita. É possível ver que algumas

¹⁶ Panos coloridos que geralmente ficam amarrados na cintura, são usadas por entidades femininas na maioria das vezes, e possuem cores variadas.

dessas imagens ficam pelo chão. Mãe Sofia fica sentada em um pequeno sofá, em sua frente tem uma mesa e ao redor dessa mesa há algumas cadeiras. Em cima da mesa alguns objetos chamam a atenção, entre eles há uma bola de cristal envolvida por pulseiras e colares feitos de miçangas, uma caixa de baralho, uma caixa de cigarro, um caderno de anotações juntamente a uma caneta. É necessário ressaltar que o início sempre é feito com orações já conhecidas na Igreja Católica, como Pai Nosso e Ave Maria.

3.2 QUEM É MÃE SOFIA

Conhecer o cotidiano da Seara e suas práticas de linguagem é essencial, porém, também é importante saber quem é a dona do lugar, afinal, foi a partir dela que surgiu o recinto onde a pesquisa foi realizada. Seu nome de batismo é Ronald Silva dos Santos, tem 46 anos e é homossexual. Nasceu em Parintins no Amazonas.

Figura 4: Foto de Mãe Sofia na Seara do Caboclo Pena Verde.



Fonte: Poliana dos Santos Soares, 2023.

Aos dez anos de idade a líder tinha curiosidade sobre a Umbanda, além disso, foi por volta dessa idade que manifestou ser umbandista, pois passou por uma situação frustrante.

Nos dias em que aconteciam os ensaios do boi-bumbá na cidade de Parintins, ao invés de ir para esse lugar de descontração, a mãe-de-santo fugia de casa para ir em um terreiro de Umbanda onde aconteciam todos os processos das comunicações com entidades/guias. Nessa época, a mãe da líder não apoiava a decisão da filha, mas sua avó não via problemas na situação.

Isso ajudou com que a aceitação fosse evoluindo aos poucos. Ainda aos dez anos, a chegada de uma mãe de santo no bairro onde morava fez com que todas as suas dúvidas cessassem.

A atração que Mãe Sofia sentia pelos rituais, cânticos e vestimentas tinha uma explicação. Na pré-adolescência ao passar em frente à casa dessa umbandista, ela acaba desmaiando e foi então que souberam que todo esse interesse era na verdade um sinal de que a líder da Seara era médium. A partir desse momento veio a aceitação da maioria das pessoas de sua família. Ela começou a frequentar mais terreiros e, em determinado lugar um pai de santo disse-lhe que esse era o seu destino, que todos os ensinamentos, regras e fundamentos da Umbanda que iria aprender seria por meio de seus guias, e assim se concretizou.

Algum tempo depois veio o afastamento da religião. Naquele tempo (e ainda neste) a diocese tinha total influência na cidade e pessoas, com isso, o medo de sofrer preconceito por participar de uma religião que não era a católica aumentou. Por esses motivos, a Mãe Sofia acabou saindo da cidade e foi trabalhar em uma casa de família e em um restaurante, algo que a fascinava tanto já lhe proporcionava medo.

Por conta do excesso de trabalho ela acabou adoecendo, isso fez com que sua mãe a fosse buscar. Ao voltar para Parintins os trabalhos com a Umbanda também retornaram, mas o receio ainda era muito grande. Resolveu trabalhar em uma cooperativa de pesca, de onde tirou seu sustento por algum tempo; no entanto, acabou aceitando seguir sua missão que era ser umbandista. Passou por muitos terreiros e isso fez com que adquirisse experiência. Um terreiro que ficou marcado em sua história é o de Pai D., pois foi lá que passou uma grande parte de seu tempo.

A primeira cliente da líder foi sua tia, que não acreditava na Umbanda, e pediu para que a mãe de santo jogasse cartas para ela. Como não tinha fé no que fosse dito, acabou não se importando. Além de não acreditar, ainda era extremamente preconceituosa com a sexualidade de Mãe Sofia. Alguns alertas sobre acontecimentos e eventos ruins foram ditos para a sua tia. Algum tempo depois, esses acontecimentos/eventos se concretizaram, desde então as dúvidas acabaram.

Daí em diante a aceitação tanto com a sua religião quanto sua sexualidade se firmaram com clareza. Entretanto, vale ressaltar que a líder passou por muitos preconceitos por causa de sua fé e sexualidade, por isso, é importante saber que se dedicar para uma religião diferente da predominante é, além de tudo, um ato de bravura.

Sua primeira missão foi fazer uma festa para São Lázaro, a qual foi um sucesso e trouxe bons resultados. Desse modo a líder acabou ficando um pouco reconhecida. O seu primeiro terreiro foi fundado no bairro de Itaúna, com o nome “Terreiro de Mãe Sofia” onde trabalhou

durante quinze anos. Sua irmã mais nova sofreu um grave acidente e foi transferida para Manaus. Por este motivo, a mãe de santo acabou tendo que sair do bairro de Itaúna e foi morar no bairro de Palmares, com os irmãos que ficaram no município, para cuidar deles e auxiliá-los.

Após superar todas essas turbulências, fundou no bairro de Palmares a Seara do Caboclo Pena Verde, onde tem seu marco na festa de São Jorge. Nos dias atuais a mãe de santo sente orgulho de sua profissão e tem orgulho de quem é. Sua trajetória não foi fácil, mas não foi o suficiente para desanimá-la. Além de trabalhar na Seara, ainda trabalha na associação LGBTQIA+ pela luta das mais diversas causas. A Umbanda proporcionou muitas oportunidades para Mãe Sofia, e as cenas de preconceito não são mais recorrentes.

Mesmo que nos dias atuais não ocorram mais tantas cenas de preconceito, é importante lembrar que a família deveria ser um refúgio para ela. Ao invés disso, foram uns dos primeiros a tentar desvincular Mãe Sofia do “caminho para Umbanda”. Não os julgamos por pensarem que tal caminho a leva para algum tipo de pecado. A falta de informação proporciona o preconceito, a negação, as agressões. É por essa razão que esse estudo foi feito, para desmitificar a ideia de que os umbandistas são pessoas ruins, enganadoras e aproveitadoras. Eles apenas cultuam sua fé, mostrando que há beleza em sua linguagem, em seus atos e ações.

3.3 QUEM SÃO OS CAMBONOS (AJUDANTES)?

De acordo com Vieira (2016, p. 10) “Cambonos são médiuns em desenvolvimento que com sua disponibilidade são convidados pelo dirigente para essa função. Atuam como auxiliares que distribuem as fichas ou senhas para as consultas e prestam ajuda nos materiais necessários para o trabalho e serviços de casa”.

Diante disso, os cambonos investigados relataram sobre sua entrada na Seara, horário e quais dias das sessões, sobre as vestimentas e gírias que devem ser usadas dentro da Seara, sobre o processo de se tornar cambona, das relações entre os cambonos, com Mãe Sofia e com outras Searas ou Terreiros. Relataram ainda sobre preconceito por parte de outros umbandistas, por Mãe Sofia ser homossexual e umbandista, e por fim sobre o cotidiano da Seara.

A filha de Dona Brava, Márcia entrou em março de 2021, através de uma amiga chamada Branca que também é uma cambona da casa, disse também que participa das sessões toda segunda-feira (quarta e sexta-feira também participa, esses são dias em que raramente

ocorrem sessões). Utiliza roupas brancas e guias¹⁷, essas guias são pulseiras feitas de miçangas, são carregadas geralmente no pulso ou pescoço e as gírias que mais utiliza é espumosa¹⁸ e marafo¹⁹.

Quando foi iniciada, Márcia passou pelo processo de purificação, deita-se no chão da Seara e toma banho com essências (ervas, alecrim, manjeriço) que a mantém limpa, sem nenhuma energia negativa, além disso, faz suas obrigações²⁰ que variam, podendo ser desde tomar mais banhos com as essências, até comprar velas e imagens de entidades para a casa onde ocorrem os trabalhos.

A relação entre os ajudantes é boa, pois há respeito entre eles e são amigos, filha Márcia descreveu a relação de Mãe Sofia com outros terreiros de uma maneira diferente. Todos se dão bem, mas alguns têm mais privilégios que outros. Nunca sofreu preconceito por parte de outros integrantes da religião, também nunca viu a líder sofrer preconceito por ser homossexual e umbandista; muito pelo contrário, é sempre tratada bem em todos os lugares que vai. Ela respondeu que no cotidiano da Seara nos dias de sessões os clientes são bem tratados.

Outra cambona é filha de Mariazinha e Joãozinho, que entrou na Seara com seis anos, através de seu irmão, participa das sessões toda segunda às 19 horas, usa roupas brancas e as gírias que mais faladas por ela são espumosa e pito²¹. O processo que ela passou para entrar no local foi diferente. Desde muito jovem está acompanhando a líder em todas as festas de Umbanda e sessões. Jordana foi uma das pessoas que ajudou na formação do espaço, não precisou passar pelo mesmo processo que filha Márcia, que veio bem depois. Diria que Jordana passou pelo processo de confiança, porque sempre esteve ao lado de Mãe Sofia.

A relação entre os cambonos é boa, nunca sofreu preconceito por parte de outras casas de Umbanda. Assim também como é boa a relação de Mãe Sofia com outros terreiros. Ressaltou que onde a Mãe vai é sempre muito bem tratada e respeitada. Nos dias de trabalho, o cotidiano está voltado para o bom atendimento do cliente, tendo a empatia em primeiro lugar.

Os cambonos também se sentam e ficam conversando com os clientes, eles tiram as dúvidas que os demais possuem, como qual são os dias de trabalho de Mãe Sofia e qual são os horários.

¹⁷ Outra designação dada para caboclos de Umbanda, são eles quem guiam os clientes e a líder.

¹⁸ Nome dado para cervejas, não levam em consideração suas marcas, todas são chamadas assim. Dentro das sessões elas não podem faltar, em nenhuma hipótese

¹⁹ Cachaça.

²⁰ deveres que os cambonos e a mãe de santo fazem para conquistar o que desejam;

²¹ Cigarro

O papel dos cambonos mais experientes é de atender as necessidades da líder da Seara, que precisa da filha Jordana ou da filha Márcia para o início de cada sessão. As sessões não começam com os clientes já sendo atendidos, há toda a preparação. A líder faz as orações que são praticadas na Igreja Católica, cânticos da Umbanda e então somente depois disso começa a atender os demais.

3.4 O COTIDIANO DA SEARA (PRIMEIRAS IMPRESSÕES)

A cambona Jordana, também chamada de filha Jordana por mãe Sofia, é a primeira ajudante do local, e por isso tem um olhar mais apurado sobre as coisas, o fato dela está desde o início a torna bastante experiente sobre o assunto, e é ela quem o acompanha na maioria dos eventos, a auxilia quando alguns dos caboclos “incorporam”²² na dona da Seara. É importante mencionar que a segunda filha, chamada Márcia e os demais também são fundamentais dentro deste espaço, eles adquirem experiências e muitos outros valores que só têm a somar em suas vidas.

Atualmente a Seara possui mais imagens que nos anos iniciais, isto porque o trabalho de Mãe Sofia foi bem aceito pelo meio social, que como já se sabe, poucos tentam manter contato com os umbandistas. Desde o início nada foi fácil para a dona da Seara, as dificuldades eram enormes, mas a persistência da mãe de santo e sua cambona Jordana foram de suma relevância para que tudo ocorresse bem.

A relação entre a Mãe Sofia e as demais religiões aparentam ser bastante amistosa, não há conflitos, e também não há muitas interações. É importante ressaltar que com o passar dos anos os terreiros e Searas foram sendo “exilados” do espaço urbanizado no município de Parintins, mas apesar disso, todos ainda são muito frequentados. Isso mostra a força que eles obtiveram por não desistir de seu caminho, de sua mediunidade²³, suas carreiras e sua fé.

As interações entre os cambonos são ótimas; sempre existe ética e valores morais entre eles. O respeito é nitidamente a peça fundamental para essa boa relação ser na maioria das vezes harmoniosa. Eles frequentemente usam as gírias umbandistas que tanto são importantes para a sua interação, como as palavras mais faladas entre eles: pataco²⁴, espumosa, marafo e pito.

²² Palavra usada quando um caboclo assume o corpo da líder, na fase de incorporação já não é mais a Mãe Sofia quem norteia seus clientes.

²³ Dom que nasce com a pessoa.

²⁴ Sinônimo utilizado quando uma entidade/caboclo está falando sobre dinheiro.

Todas essas palavras são usadas especificamente nas sessões de umbanda que ocorrem toda segunda-feira à noite.

3.5 CENAS DA SEARA ANALISADAS A PARTIR DO TERMO “*SPEAKING*” DE DELL HYMES

O tempo e espaço onde as interações ocorrem são na Seara de Mãe Sofia. Geralmente os cambonos chegam e cumprimentam a líder. Alguns se trocam no local (colocam suas vestimentas brancas) e outros já chegam devidamente vestidos, vale ressaltar que as roupas são trajes brancos para os médiuns e ajudantes. Para a dona da Seara a vestimenta depende de qual entidade “estará na casa”, essa entidade é a que mais vai demorar no local e a que mais terá pessoas para se consultar.

Figura 5: Foto de filha Márcia (cambono) e filho Mateus (médium).



Fonte: Poliana dos Santos Soares, 2023.

Os ajudantes chegam pela parte da tarde no local mesmo que as sessões sejam apenas pela noite. Cada um sabe suas funções e onde deve ficar. Isso torna tudo mais organizado e agradável. A descrição desse espaço equivale com a letra “S” do mnemônico *speaking* de

Hymes, que equivale à cena. “Todo ato de fala situa-se no tempo e no espaço, isto é, em um determinado lugar e um determinado momento” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90).

Os participantes variam entre relações simétricas e assimétricas, há a líder que dá ordens a serem seguidas, essas ordens são direcionadas aos principais destinatários que são os demais cambonos; as regras são de auxiliar nas dificuldades que os clientes têm, sejam elas dúvidas em relação à Seara, à líder ou até mesmo à Umbanda.

Os papéis sociais de relações simétricas acontecem quando, depois de tudo já estar organizado, alguns dos cambonos conversam entre si sobre seu dia a dia e dúvidas sobre a sessão em que estão participando. “Os participantes são, naturalmente, o componente mais importante, se considerarmos que estamos trabalhando com uma teoria voltada para a comunicação humana” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 91).

A relação assimétrica ocorre durante as ordens que Mãe Sofia profere, elas devem ser seguidas criteriosamente para que nada aconteça fora do eixo, pois existem modos de como cada um deve agir dentro do local. No espaço acontecem conversas casuais entre todos na sala de espera, uma vez que é necessária a troca de informações entre cambonos e clientes. As instruções são dadas dentro da Seara, já que a líder é quem ajuda e direciona os clientes e “assistentes” para a realização de seus devidos afazeres.

Para os usuários que compartilham o conhecimento, a combinação deve ser pensada como sendo eficiente. E se as pessoas usam suas intuições sobre a fala assim como sobre a gramática, elas podem ver que o que para a gramática é imperfeito ou sem valor, pode ser a façanha engenhosa do ato social (HYMES, 1971, p. 78).

As pessoas que se encontram nas sessões seguem parâmetros distintos, mas estão sempre em uma troca de conhecimentos. Não são da mesma faixa etária, nem do mesmo gênero ou da mesma classe social, porém, a interação movimenta as relações que ali estão sendo construídas. Essa parte se relaciona com a letra “P” do termo, pois os participantes são fundamentais para a relação humana, lembrando também que eles se adaptam à fala do lugar e meio. Isso gera a mudança sociolinguística. “São os papéis sociais de que os participantes estão investidos que determinam a extensão da formalidade conferida à interação. Definem também o grau de focalização na conversa” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 91).

As sessões têm finalidades, seja conseguir algo que um cliente quer muito, até a ajuda para a recuperação de alguma doença. Porém, alguns clientes apenas querem conselhos sobre determinadas situações, como por exemplo, para saber se alguém está tramando algo pelas suas costas. Por isso, alguns trabalhos acabam sendo somente uma conversa “informal”.

Essas conversas também ocorrem na sala de espera, pois os cambonos exibem funções sociais fáticas, descritas por Bortoni-Ricardo como “tratar bem o interlocutor”. Esse é um dos pontos principais a ser cobrado pela líder diante de seus ajudantes, fazer com que as pessoas sintam prazer em retornar aquele lugar, pois foram bem atendidos. Esses comportamentos demonstram a letra “E” do esquema proposto por Hymes, onde as relações têm seus fins e propósitos.

As trocas de informações proporcionam uma aquisição de competências comunicativas, agora, a partir dessas conversas, já existe algum tipo de conhecimento sobre a linguagem utilizada por esses umbandistas. Sua gramática muda, ganhando assim novos saberes.

A análise de um linguista sobre dados de uma comunidade sob a hipótese de que “uma vez inglês, sempre inglês” possivelmente não percebe e tristemente deturpe a atual competência supostamente expressa pela sua gramática. [...] E até onde a teoria intenciona lidar com o aspecto “criativo” da língua, ou seja, com a habilidade de um usuário planejar sequências originais apropriadas para as situações, isso pareceria ser uma limitação, senão mais, afirmar somente para justificar uma habilidade comum para entender sentenças originais produzidas por outros (HYMES, 1971, p. 83).

Mãe Sofia profere ordens necessárias para o bom funcionamento do local, o que é dito é essencial, a maneira séria como repassa as mensagens mostram como ela está apta a comandar a Seara. As mensagens variam de pessoa para pessoa, o tom também varia, as expressões e gestos, em alguns momentos é mais “desleixada”, mais “solta”, em outros, mais direta e segura. Os verbos performativos são usados frequentemente, uma vez que os ajudantes aceitam cumprir as ordens, eles fazem a ação e as executam da melhor maneira possível. Nisso temos a letra “A” como forma e conteúdo da mensagem.

A letra “K” que tem relação com o tom que o falante/participante usa para demonstrar o espírito de sua fala é mais vista entre a líder e seus cambonos, e entre cambonos com cambonos. A líder costuma ser mais séria antes e durante os trabalhos. No entanto, quando a sessão acaba é notável como o ambiente se torna um lugar mais descontraído. O tom “[...] permite-lhe identificar a força ilocucionária do ato de fala” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 96).

A maioria das mensagens que acontece entre os participantes são verbalizadas com a interação face a face. Mas, também existem as não verbalizadas como os cumprimentos. O aperto de mãos é o cumprimento mais utilizado quando se conhece alguém novo, mas dentro das sessões essa mensagem de “bem-vindo e prazer em te conhecer” é feita a partir de toques de ombros. As pessoas se levantam e tocam seu ombro direito com o ombro direito da líder, e o ombro esquerdo com o esquerdo dela.

Outro sinal de respeito dentro de Searas ou terreiros é o fato de não poder cruzar as pernas e usar roupas curtas, nem mesmo os cambonos ou a mãe de santo podem usar. Os ajudantes homens trajam camisas e calças/bermudas brancas, as mulheres usam camisa/blusas e calças/saias brancas, enquanto a líder veste blusas e saias grandes ou camisas e calças grandes, a cor pode variar, pois depende da entidade que vai estar presente durante as horas de trabalho.

Também vale ressaltar que existem atendimentos realizados a partir de ligações telefônicas, pois nem sempre os clientes estão na cidade. Mas querem receber consultas para esclarecimento de dúvidas sobre algum trabalho que pediram para a mãe de santo realizar. Esses instrumentos são partes da letra “I” do termo de Hymes, que é a maneira como a mensagem é transmitida, as mensagens também são transmitidas por meio de objetos, seja uma bola de cristal, até roupas. O que é informado pela bola de cristal não foi esclarecido, entretanto, as roupas podem repassar significados implícitos, é possível dizer qual entidade está presente, do que gosta de beber ou fumar, e ainda sobre o que vai falar.

O “N” equivale às normas que são seguidas dentro de um espaço ou local, elas se modificam ou agregam dentro da relação que ali está se construindo. Dentro da Seara as pessoas precisam seguir regras, sempre ouvir atentamente a tudo que a mãe de santo fala, devem se portar bem, ter respeito, seguir o tema da conversa, entre outras coisas. Todos devem saber se comportar dentro daquela comunidade. O cambono não pode falar de forma mais descontraída com a líder durante as sessões, ele também não pode querer forçar o cliente a ouvir e participar de alguma conversa com ele.

Os clientes não podem agir como se conhecessem a mãe de santo há anos, ele não pode usar palavras de baixo calão, pois se encontra em uma relação focalizada, dentro de um ambiente de trabalho e profissional. Existem sim relações não focalizadas dentro da Seara, afinal, eles são como uma grande família; entretanto, são instruídos a saber diferenciar esses momentos, além do mais, esses comportamentos também fazem parte da educação que todos adquirem com o passar dos anos.

O “G” do termo *speaking* de Dell Hymes significa gêneros textuais, existem diversos deles espalhados em todos os lugares e de todas as formas possíveis, em uma Seara é importante falar que esses gêneros se encontram nas saudações, nas orações, nos cânticos que atendem a determinados fins e se constituem de determinadas maneiras; bem como os diálogos, os relatos, as informações e as entrevistas.

Existem múltiplas maneiras de mostrar como a linguagem dos umbandistas parintinenses provém de gêneros textuais já existentes, apenas são ignoradas pelos demais.

Todavia, eles ajudam na aquisição de competência dos que pretendem se tornar integrantes dessa religião, como uma acessibilidade.

Conceitos que são inquestionavelmente postulados como básicos para a linguística (falante-ouvinte, discurso da comunidade, ato da fala, acessibilidade, etc.) são, como nós vemos, na verdade variáveis socioculturais, e somente quando alguém deixa suas hipóteses e parte para a análise este pode assegurar as fundações da teoria linguística. [...] a noção de competência pode por se só fornecer a chave (HYMES, 1971, p. 85)

É imprescindível lembrar como cada sessão é iniciada, sempre a partir de orações seguidas de cânticos que servem como um “chamado para a entidade”. As entidades²⁵ constituem finalidades, sejam elas diálogos com os clientes, ouvir relatos dos indivíduos, receber e passar informações essenciais para a realização correta de um trabalho ou servir como uma entrevista implícita sobre a pessoa que buscou os serviços da líder, visto que é importante conhecer mais sobre quem solicitou o atendimento e o modo como é feita, é essencial para conhecer o destinatário da tarefa. “Se alguém analisa a linguagem de uma comunidade como se ela devesse ser homogênea, a diversidade o levaria ao erro. Se alguém começa com a análise da diversidade, esse alguém pode isolar a homogeneidade que está verdadeiramente lá” (HYMES, 1971, p. 84).

Em suma, o termo de Hymes foi criado para mostrar que, cada indivíduo deve saber se portar nos lugares no qual frequenta, uns cobram uma postura mais rígida, exigente e inflexível, outros aceitam o comportamento mais flexível. Na Seara de Mãe Sofia, também são cobradas múltiplas regras, no entanto, é um local onde momentos descontraídos acontecem.

Todo homem, mulher e criança possui uma personalidade distinta, mas é nessa comunidade (umbandista) heterogênea, que pessoas vão para se reencontrar. É extremamente importante ressaltar que, para viver em constante harmonia, todos precisam conhecer, estudar e praticar suas funções no ambiente, pois só assim é possível desenvolver as competências comunicativas que envolvem o lugar, tais competências exibem como as práticas de linguagem ocorrem o tempo todo.

3.6 O MNEMÔNICO DE HYMES APLICADO NA PRÁTICA DE LINGUAGEM (ENTREVISTA COM MÃE SOFIA)

²⁵ Seres sobrenaturais

Foi realizada uma entrevista com Mãe Sofia no dia 22 de dezembro de 2022, quando diversas perguntas foram formuladas com o intuito de entender como era a história da Seara. As questões foram as seguintes: qual é a origem da Seara? Quem foi a primeira cambono? Quantos cambonos são fixos? Quantas espadas usam geralmente em uma sessão? Por que são chamadas de espadas? Quais orações são usadas no início de cada sessão e quais são os cânticos mais utilizados? Qual é o cotidiano da Seara? Vejamos as respostas da líder da Seara.

A origem da Seara, é uma Seara que acolhe o povo, os filho da casa, as pessoas com cada problema que vem em busca daquilo que quer resolver... Ao conquistar sua fé, ao superar aquele obstáculo cresce a confiança, o “respeito” com a mãe de santo, ou a Seara, ou a roça ou batuque, se ele conquistou é o espaço naquilo que ele tá procurando, e a fé prevalece em tudo o que conquistou... porque muitos falaram bom do local, quinze falaram ruim, mas quando ele entrou e pesquisou aquilo que ele queria, ele venceu a glória abaixo de Oxalá. [...] A casa para qualquer pessoa que vim, não tem a cor, a raça... Porque nós trouxemos o afro-brasileiro, os orixás, pode ser o cego, um aleijado, um paralítico, um leproso, um ladrão arrependido... Qualquer raça que vier aqui, a casa está aberta pra tentar consertar e dar aquela força de palavra pra aquele cliente ou aquele filho resolver a vida dele. (Líder da Seara do Caboclo Pena Verde, 2022).

Essa parte do diálogo traz consigo a noção de que a Seara tem uma finalidade. As sessões possuem objetivos e funções. É notável que a vontade de olhar o próximo independente de sua origem é essencial dentro do ambiente. A líder já inicia falando que a Seara é um espaço que acolhe o povo, que não discrimina, não ofende, isso porque é um lugar onde apesar de todas as dificuldades, sempre pensa em ajudar a todos que recorrem aos trabalhos de mãe Sofia. As relações entre a líder e todas as pessoas que englobam a Seara complementa a noção de Fins e Propósitos, mais precisamente representada pela letra “E” presente no termo *speaking* de Hymes.

[...] O desenvolvimento do médium, ou do zelador, ou da mãe de santo começa numa Seara que ficou numa outra casa de uma filha que já não está mais presente no mundo. [...] Se chama dona Ana, a verdadeira cambona, é a primeira desde quando começou... Ela teve atritos, ela teve é... tipo assim, é ou não é? Eu faço parte ou não é? Eu não quero o meu filho nessa vida. Ela foi buscar eu muitas vezes no terreiro, eu estava ali onde ela procurava... a verdadeira cambono se chama a genitora da casa. [...] Antes era a A. por causa de doença... [...] Depois veio a Branca pra casa... A., a Branca., depois foi, foi, foi, se surgiu moça Jordana, quando eles não venham, os outros cambonos, vem a moça jordana e atende, mas hoje a casa ganha mais um cambono que se chama filho M., filho de Turca de Alexandrino, moça formosa, então ele também está na casa. A verdadeira cambona se chama Ana, a segunda A., terceira se chama Jordana, a quarta se chama Branca, a quinta se chama Márcia e o M. (Líder da Seara do Caboclo Pena Verde, 2022)

Esses filhos de santo são os principais atuantes dentro e fora da Seara, são essenciais para o bom fluxo na localidade. Alguns já não participam mais por questões de saúde, trabalho, entre outras coisas; porém, outros seguem firme nessa missão que é auxiliar não só Mãe Sofia, e ajudá-la; mas também auxiliar os clientes a sentirem o máximo possível de conforto dentro da casa. São esses cambonos que fazem com que a comunicação humana aconteça, e ainda, iniciam o desenvolvimento da aquisição de competências (como se portar adequadamente, se expressar utilizando a variedade da linguagem e suas gírias, e os clientes aprendem a serem críticos e analíticos com as questões que ali norteiam). Essa parte da entrevista está de acordo com a letra “P” do mnemônico que se refere a Participantes.

Durante esta parte da entrevista foram respondidas duas perguntas: “Quem foi a primeira cambona?” e a segunda é “Quantos cambonos são fixos? Com base nas respostas já citadas acima, é notável como mesmo depois de tantas turbulências, pelo menos grande parte dos ajudantes principais ainda atuam na casa, na Seara. As relações simétricas estão presentes na maioria do tempo, pois além de ser um ambiente de trabalho, ainda assim é mais um lar para aqueles que se dedicam por essa religião.

Como entrevistadora percebi que a nossa relação naquele momento era assimétrica. Mãe Sofia também mostrou um lado mais profissional, já era o esperado, apesar de sermos da mesma rede social, pois temos parentesco. Os papéis sociais também foram de suma importância. Não somos do mesmo gênero e nem da mesma faixa etária. A líder assumiu o papel de falante, enquanto a entrevistadora agiu como principal destinatária ou como ouvinte primária.

Em cada sessão ela vai mudando, tem o dia das Lebaras, tem o dia dos Encantados, que é Mariana turca, tudo... Tem o dia dos Sacaca, então, ela as espadas vão se definindo conforme cada sessão que vai ter em casa que a casa funciona pra atender os filhos da casa e os cliente. Hoje tem uma rodada de Exu, vermelho e preto, ou então uma rodada de Oxóssi, verde e branco, hoje tem uma rodada dos encantado, branco... [...] A sessão ela varia, é tipo assim, você montar uma coisa e depois montar outro e outro, vai variando [...] Se eu dizer que cada sessão usa aquela mesma roupa, não usa, porque tem cada guia que tem a sua espada. (Líder da Seara do Caboclo Pena Verde, 2022).

São as roupas que os orixás, as mulheres carregam, o que é carregar? É a saia, tudo, e o pano amarrado aqui se chama espada, e um tubante na cabeça representando o orixá que dança com o pé no chão num terreiro de Umbanda afro-brasileiro. Branco é levantar a bandeira em busca de paz, glória, felicidade e sossego, porque ali trinta te apoia, cem te derruba, mas tu alevantar a roupa branca você vai em busca da sua vitória, da sua paz. (Líder da Seara do Caboclo Pena Verde, 2022).

Mostra-se que há objetos tão essenciais que não podem faltar nas sessões. Nessa parte do diálogo Mãe Sofia explica o que são as espadas, são roupas que as entidades mulheres usam para ir atrás de sua glória, afinal, cada dia de trabalho de um umbandista é mais um embate a ser vencido. As cores dessas espadas variam, e diante das observações feitas pela entrevistadora, elas também variam no tamanho. São usadas geralmente na cintura, e em média, duas espadas ficam disponíveis para a utilização.

Quando um cambono entrega determinada espada para a líder, nada é dito, pois esse ajudante vai ter que saber pelo cântico qual guia (outro termo usado para substituir entidade) está na casa. A partir desse momento ele necessariamente já terá que ter desenvolvido uma competência comunicativa, porque é como se fosse uma mensagem implícita de que se deve entregar a espada correspondente ao guia incorporado.

Foi possível observar outros objetos que nunca faltam na sessão: como chapéus²⁶, cigarros (ficam em cima da mesa), uma bola de cristal, isqueiro, cuia, taça, jogo de cartas e cervejas. O ajudante tem que estar atento a esses pontos, pois nem sempre a líder da Seara verbaliza ou dá sinais de que precisa de uma coisa.

Figura 6: Espadas usadas pela líder durante as sessões



Fonte: Poliana dos Santos Soares

²⁶ Esses chapéus são utilizados de acordo com o caboclo que incorpora em Mãe Sofia, cada um tem uma preferência, uns preferem os de palha e outros os de pano. As cores e os tamanhos variam. Eles são essenciais durante as sessões;

Figura 7: Chapéus utilizados pela líder durante as sessões



Fonte: Poliana dos Santos Soares

Figura 8: objetos essenciais utilizados em cada sessão: jogo de cartas, bola de cristal, taça, cuia, isqueiro, cigarros e a cerveja.



Fonte: Poliana dos Santos Soares

Lebaras são espíritos de amor, os Encantados são espíritos das florestas, dos rios, das matas e tem como objetivo a proteção, e os Sacaca trabalham com ervas para curas, além desses existem outros diversos guias, pois a Umbanda é uma religião ampla e cheia de tradições. Estas são as respostas para as perguntas “Quantas espadas usam geralmente em uma sessão? Por que são chamadas de espadas?” Tudo isso se aplica na letra “I” (Instrumentalidades) do esquema proposto por Dell Hymes, porque esses objetos servem como instrumentos para as práticas de linguagem, sejam elas verbais ou não verbais.

A Umbanda ela se traz as origens com os Dez Mandamentos que nem da Igreja Católica, são as orações, agradecer a Deus por dia, agradecer o orixá que existe na Umbanda, agradecer o dia, por tudo, pela alegria. [...] Vem o Pai Nosso, Creio em Deus Pai, Salve Rainha. [...] Abertura de defumação, Jurema né, que a Jurema é uma erva, a Jurema é uma cabocla que impõe as pessoas que entram... [...] A Jurema é um pau encantado, tem muitas é... muitos comentários, tem muitos fatos. [...] Jurema ela é uma planta que serve pra câncer, pra úlcera, pra inflamação, pruma rasgadura, pra qualquer anti-inflamatório, se chama a erva de Jurema. [...] O outro é a abertura de gira, que é um ponto (Líder da Seara do Caboclo Pena Verde, 2022).

O início de cada sessão é marcado por orações e cânticos, as orações são da Igreja Católica, enquanto os cânticos são da própria religião afro-brasileira. Esse ritual de iniciação acontece sempre dessa maneira. Atualmente, não é possível mudar a forma como os trabalhos tomam seu rumo. Parece ser um jeito bem adequado, uma vez que as orações ajudam nas bençãos de todos os trabalhos, e os cânticos como a anunciação de um guia, cada entidade tem a sua anunciação e determinados cânticos falam sobre guias diferentes.

Segue abaixo um trecho da canção Sete Marias de Rita Benneditto (2018).

“Abre todos os caminhos
 Com força e devoção
 A cigana vem na frente
 Com seu baralho na mão
 Sete saias vai faceira
 Rodando no barracão
 Dona sete é quem comanda
 Com seu marafo na mão”

O trecho dessa canção exhibe um pouco da identidade da entidade Maria Padilha, o que faz e gosta de consumir. É ela quem vai na frente e ajuda aqueles que precisam de bênçãos e de ajuda, por ser uma Lebara, também é um espírito de amor. Ela está sempre com seu cigarro na mão, além disso, é uma guia que traz consigo a proteção.

Todo esse processo se encaixa na letra “G” (Gêneros), tais gêneros textuais foram consolidados por muitos anos, e ganham espaço sem contradição em qualquer Seara ou terreiro onde estão. Essas práticas de linguagem exibem comunicações entre os envolvidos na Umbanda. Dentro dessas canções ainda há características de cada guia, se ele é alegre, triste, descontraído, sério, criterioso, se é velho ou novo, se é uma criança. Também é descrito do que gostam e do que não gostam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, pode-se concluir que as práticas de linguagem são complexas, o estudo sobre elas serve para mostrar que as relações sociais sobressaem a gramática. Cada pessoa tem sua maneira de se expressar, dentro de uma seara há muitas formas de repassar conhecimentos que ajudarão no crescimento linguístico daqueles que almejam conhecer a Umbanda. Existem práticas comuns e conhecidas que norteiam essa religião, porém, também tem as que necessitam de um olhar mais apurado sobre os fatos e ações para serem compreendidas, a cada novo ensinamento aprendido o vínculo entre clientes e umbandistas se fortalece.

É possível mostrar que não existe “nada de mal” em cultivar a religião de matriz africana, pelo contrário, é de extrema importância que haja mais estudos sobre ela, para que não continue havendo exílios. Ao expor as práticas de linguagem utilizadas por umbandistas parintinenses é notável como as regras, fundamentos, relações e comportamentos fazem parte de um processo de superação, que apesar de todos os preconceitos e racismos, ainda busca sua inclusão.

A Etnografia da Comunicação visa as interações vistas na realidade, ela foi essencial para a obtenção de resultados positivos. Foi possível observar que cada ação exibiu um significado ou mensagem, seja ela implícita ou explícita. Também, a aquisição de competências comunicativas está presente em todos os momentos e cantos da Seara do Caboclo Pena Verde, desde o entrar até o sair do local.

A Sociolinguística Interacional foi necessária, pois é ela quem preza as relações sociais face a face, assim como em uma seara de Umbanda. Para o bom funcionamento do ambiente, é preciso que todos se comuniquem e expressem suas dúvidas. Todos se ajudam e fortalecem o laço de amizade e cumplicidade que habita no lugar, assim, provam que não há por que as pessoas continuem praticando o ódio e racismo contra a doutrina.

Como existem diversos debates sobre o surgimento da Umbanda, escolhi acreditar, com base em meus estudos, que ela é uma religião brasileira, a brasilidade prevalece e soma com as demais culturas do País. Mesmo que haja pouco espaço na sociedade para ela, de maneira ou outra, faz parte da identidade dos brasileiros.

O mnemônico de Hymes serviu para classificar cada movimento e falas que norteiam a seara, foi possível “classificar” a maneira como os umbandistas parintinenses se comunicam e interagem, sem tal esquema, talvez, o estudo não fosse possível, pois é ele quem diferencia todas as normas, interações, ambientes, objetos, mensagens e gêneros textuais que fazem parte desta forma de fé.

Logo, todas as pesquisas realizadas foram um papel importante para afirmar que o racismo religioso e as falas de ódio que os umbandistas enfrentam todos os dias, de forma direta ou indireta, precisam ser banidas da sociedade. No entanto, sabe-se que isto ainda levará muito tempo para se concretizar.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Célia da Graça. Kardecismo e Umbanda: duas religiões brasileiras. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 466-470, jul./dez. 2013.

BIANCHEZZI, Clarice; GOMES, Andreissa Silveira Gomes. **Diversidade religiosa em Parintins-AM: desafios e superação na pesquisa de campo**. IN: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR, 2; SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, 15. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto. 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

GUMPERZ, Jonh J. Sobre o Método Sociolinguístico Interacional. In: FABRÍCIO, Branca Falabella. **Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mórula. 2020.

HYMES, Dell. Para uma etnografia da comunicação. In: FABRÍCIO, Branca Falabella. **Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mórula. 2020.

HYMES, Dell. **Sobre competência comunicativa**. Revista Desempenho, v. 10, n. 1, jun/ 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. rev. e atual. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RAMSEY, Jarold. Dell Hathaway Hymes (1927-2009). Disponível: https://www.oregonencyclopedia.org/articles/hymes_dell_hathaway/#.ZCPKbXbMI5h. Acesso em: 20 Mar. 2023.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista**. In: Revista de Estudos de Religião, p. 77-96, mar., 2009.

SILVA, Roberlan Melo da. **O Terreiro de umbanda “Janaína e Ogum Beira-Mar” como locus propiciador do ensino de ciências: uma experiência com crianças em espaço não formal**. Parintins, 2018

SILVEIRA, Diego Omar da; BIANCHEZZI, Clarice. **Vozes e identidades plurais: uma análise da diversificação do campo religioso em Parintins (AM) a partir de relatos orais**. In: **Revista História Oral**, v. 22, n. 1, p.56 - 80, jan./jun., 2019.

TUDO sobre o Bairro Palmares. Disponível em: <https://applocal.com.br/bairro/palmares/parintins/am/amp>. Acesso em 20 Mar. 2023.

VIEIRA, Carolina Ferreira. **Umbanda: estrutura e rituais**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

ANEXO A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS CAMBONOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO A DESTINADO AOS CAMBONOS

Nome: _____

Idade: _____

1. Quando você entrou na seara?
2. Como você entrou nela?
3. Qual horário e quais dias você vem para as sessões?
4. Quais vestimentas você utiliza e quais gírias você mais usa dentro da seara?
5. Por qual processo você passou para se tornar cambona?
6. Como é a relação entre os cambonos na seara, boa ou ruim?
7. Como você descreveria a relação entre a seara de Mãe Sofia com outras searas ou terreiros?
8. Alguma vez você já sofreu preconceito por parte de outros umbandistas (competição para ver qual é a melhor seara, etc)? Já viu Mãe Sofia sofrendo preconceito por ser homossexual e umbandista?
9. Como é o cotidiano da seara nos dias de sessões?

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MÃE SOFIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS**

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MÃE SOFIA

Nome: _____

Idade: _____

1 Qual é a origem da Seara?

2 Quem foi a primeira cambono?

3 Quantos cambonos são fixos?

4 Quantas espadas usam geralmente em uma sessão?

5 Por que são chamadas de espadas?

6 Quais orações são usadas no início de cada sessão e quais são os cânticos mais utilizados?

7 Qual é o cotidiano da Seara?

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS UMBANDISTAS PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE, DE MÃE SOFIA”, da acadêmica POLIANA DOS SANTOS SOARES, sob a orientação do Prof. Msc. FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO, cujo objetivo é “COMPREENDER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM UMA SEARA DE PARINTINS”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

POLIANA DOS SANTOS SOARES, celular: 92 99371-8891; e-mail: polianasoars@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

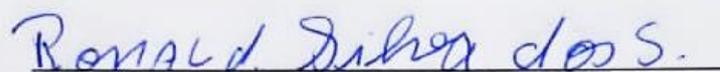
CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR


ASSINATURA DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS UMBANDISTAS PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE, DE MÃE SOFIA”, da acadêmica POLIANA DOS SANTOS SOARES, sob a orientação do Prof. Msc. FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO, cujo objetivo é “COMPREENDER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM UMA SEARA DE PARINTINS”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

POLIANA DOS SANTOS SOARES, celular: 92 99371-8891, e-mail: polianasoars@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

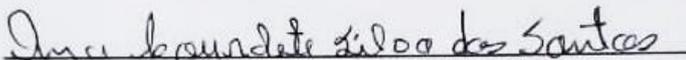
CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR


ASSINATURA DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS UMBANDISTAS PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE, DE MÃE SOFIA”, da acadêmica POLIANA DOS SANTOS SOARES, sob a orientação do Prof. Msc. FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO, cujo objetivo é “COMPREENDER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM UMA SEARA DE PARINTINS”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento.

POLIANA DOS SANTOS SOARES, celular: 92 99371-8891, e-mail: polianasoars@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

() ACEITO PARTICIPAR

() NÃO ACEITO PARTICIPAR

Jordana dos Santos Farias
ASSINATURA DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS UMBANDISTAS PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE, DE MÃE SOFIA”, da acadêmica POLIANA DOS SANTOS SOARES, sob a orientação do Prof. Msc. FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO, cujo objetivo é “COMPREENDER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM UMA SEARA DE PARINTINS”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

POLIANA DOS SANTOS SOARES, celular: 92 99371-8891, e-mail: polianasoars@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

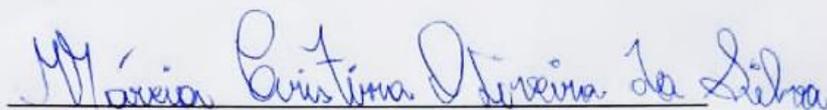
CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR



ASSINATURA DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS UMBANDISTAS PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE, DE MÃE SOFIA”, da acadêmica POLIANA DOS SANTOS SOARES, sob a orientação do Prof. Msc. FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO, cujo objetivo é “COMPREENDER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM UMA SEARA DE PARINTINS”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

POLIANA DOS SANTOS SOARES, celular: 92 99371-8891, e-mail: polianasoars@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR



ASSINATURA DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS UMBANDISTAS PARINTINENSES: SEARA DO CABOCLO PENA VERDE, DE MÃE SOFIA”, da acadêmica POLIANA DOS SANTOS SOARES, sob a orientação do Prof. Msc. FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO, cujo objetivo é “COMPREENDER AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM EM UMA SEARA DE PARINTINS”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

POLIANA DOS SANTOS SOARES, celular: 92 99371-8891, e-mail: polianasoars@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que devo imprimir ou gerar um pdf do TCLE para ter a minha cópia do TCLE e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores.

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR


ASSINATURA DO PARTICIPANTE